

A ODISSEIA DA IMAGEM

Pe. Yuri Lamounier Mombrini Lira

Odisseia é o título de um dos maiores clássicos da literatura universal, poema épico escrito por Homero que narra a saga de Ulisses, regressando a Ítaca, sua terra natal, após sua heroica vitória na guerra de Troia. O herói faz uma longa viagem repleta de aventuras até poder, enfim, regressar à sua Pátria. Uma jornada que durou 10 anos. Assim, odisseia, significa uma longa travessia repleta de surpresas.

Inspirado no título desse poema épico, quero narrar a saga, não menos homérica, da imagem de Nossa Senhora do Rosário pertencente à Comunidade do Pará dos Vilelas em Itaguara, Minas Gerais, que devido ao seu desenrolar, caracteriza-se também como uma grande odisseia.

Antes de descrever os fatos relacionados à imagem, é importante apresentar um breve relato sobre a história desse lugarejo. O povoado surgiu e cresceu às margens do Rio Pará no século XVIII, de acordo com texto escrito por ocasião da reabertura da Capela da Comunidade em 2004: “Já na primeira metade daquele século, entre os anos 1700 e 1750, têm-se as primeiras notícias de povoamento às margens do Rio Pará”.

O primeiro nome do lugar foi Conceição do Pará e, posteriormente, Pará dos Vilelas por ter sido a família Vilela uma das primeiras que lá se estabeleceu e se tornou proprietária de boa parte das terras naquela região, próxima ao distrito de Dolores de Conquista (hoje, Itaguara), pertencente à Comarca de Bonfim. Em síntese, essa é a explicação para o nome dado ao lugar: Pará, por causa do rio, e Vilelas, pela família Vilela – proveniente de Portugal.

Como a padroeira dos lusitanos, é Nossa Senhora da Conceição, provavelmente, ao se instalar às margens do rio Pará, a família Vilela trouxe consigo a devoção à santa. Não demorou muito para que uma Capela fosse construída e, no ano de 1734, sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição, foi concluída a Igrejinha, que hoje se constitui no templo mais antigo de Itaguara e uma das mais antigas capelas da Diocese de Oliveira.

Consta no Dossiê de Tombamento da Capela Nossa Senhora da Conceição do Pará dos Vilelas, registrado pela Prefeitura de Itaguara, em 2002, o texto: “foi encontrada no assoalho da capela uma tábua numa reforma em 1979 e nessa tábua estavam inscrito o seguinte: LGSR mLo Dio 1 2 8 1734”. O texto do Dossiê está fundamentado nas pesquisas e escritos de Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, itaguarense e nosso bispo diocesano, que há anos estuda minuciosamente a história desse torrão.

Além desse fato, há outro detalhe que merece ser ressaltado: Pará dos Vilelas foi cenário para o conto Sarapalha da obra Sagarana, do escritor João Guimarães Rosa, que residiu em Conquista (antigo nome de Itaguara) entre os anos de 1931 e 1932, sendo aqui o único lugar onde exerceu a medicina.

A odisseia da imagem de Nossa Senhora do Rosário possui grande importância não apenas para a comunidade itaguareense, mas constitui uma “acontecência” - termo do léxico roseano de destaque na literatura do baixo sertão de Guimarães Rosa tão relevante para a cultura brasileira, quiçá mundial.

Feita essa breve introdução, vou agora, narrar a odisseia da imagem. O relato se inicia em junho de 1980, quando a pacata Comunidade do Pará dos Vilelas foi surpreendida com a notícia de que a Capela havia sido arrombada na calada da noite e as imagens de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião haviam desaparecido.

A ação dos invasores não deixou vestígio algum. De acordo com os registros do Sistema de Objetos Mineiros Desaparecidos, Recuperados e Restituídos - SOMDAR e com as fotografias que possuímos, descreverei as características das três imagens: Nossa Senhora da Conceição possui entre 0,85 cm e 0,90 cm de altura, é uma peça esculpida em madeira e policromada. Possui traços do estilo joanino. Não sabemos sua origem, pode ter sido esculpida em Portugal ou aqui mesmo em Minas Gerais, provavelmente em Congonhas do Campo, por algum dos famosos santeiros portugueses que lá residiram e trabalharam, por volta de 1734, final do século XVIII e início do século XIX. A de São Sebastião tem 0,60 cm de altura, também esculpida em madeira com policromia. É uma peça tipicamente barroca, possivelmente do século XIX. Diferentemente das imagens contemporâneas do santo, essa nos apresenta São Sebastião amarrado a uma árvore, com três galhos e não apenas a um tronco. A sua origem também é desconhecida, mas pode ter sido igualmente esculpida por algum santeiro da região de Congonhas do Campo.

E, por último, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que se trata de uma peça entalhada no século XX, aqui mesmo em Minas Gerais, proveniente do artesanato de Congonhas do Campo, cujo autor é desconhecido. É uma imagem com 0,65 cm de altura, esculpida em madeira e policromada. Uma imagem simples, sem muitos ornamentos, mas de uma beleza singular.

Antes do acontecido de 1980, registra-se outro assalto à Capela no ano de 1972. Nessa ocasião, desapareceu a imagem de São José de Botas, sobre a qual, infelizmente, não temos registros fotográficos, nem detalhes sobre o seu tamanho. Assim, como as

três, certamente foi esculpida em madeira e policromada e teria 0,60 cm de altura, como a de São Sebastião. O Dossiê de Tombamento da Capela cita essa quarta imagem e o ano em que foi furtada.

Não é por acaso que essas três imagens eram exibidas no altar-mor da Capela. Nossa Senhora da Conceição, por ser a padroeira da Comunidade, ocupava o trono, no centro do altar. De um lado, ficava São Sebastião, protetor contra a peste, a fome e a guerra. Era e é um santo muito querido em nossa região e, certamente a ele, muitas preces foram dirigidas, sobretudo no período em que uma grave epidemia de malária atingiu o povoado. Do outro lado, ficava São José de Botas (também conhecido como São José do Desterro), um santo muito popular no período em que a capela foi construída e muito invocado pelos tropeiros e bandeirantes, uma vez que o povoado se localiza em uma região onde essa gente transitava. O santo, com suas rústicas botas, era uma inspiração para a grande peregrinação rumo ao céu e, assim como os bandeirantes, os fiéis eram convidados a desbravar a travessia da vida com coragem.

Já, a imagem de Nossa Senhora do Rosário é uma peça mais nova em relação às outras, como pudemos constatar pelos documentos. Passou a fazer parte do acervo da Capela no século XX. Por ter sido esculpida nessa época, supõe-se não ser essa a única a ocupar o altar-mor da capela. É possível ter existido outra imagem anterior, que por motivos desconhecidos, foi substituída, mas essas suposições são detalhes irrelevantes. O importante é que Nossa Senhora do Rosário transformou-se também numa das pérolas que adornavam aquela Igrejinha.

Todos os anos, no mês de setembro, realiza-se a tradicional Festa do Rosário, organizada por um grupo de fiéis da comunidade, denominado Irmandade do Rosário. Por ser tão apreciada essa festa, há entre os moradores de lá, o sonho de construir uma Capela dedicada à Senhora do Rosário, na parte alta do povoado, próxima à estrada que dá acesso às comunidades de Agrelos e Aroeiras.

Antes de continuar o relato sobre o desaparecimento das imagens, quero destacar que o surto de malária trouxe problemas drásticos para aquele lugarejo. Por muito tempo, Pará dos Vilelas ficou deserto. A situação foi tão dramática, que o conto Sarapalha se inicia assim:

Tapera de Arraial. Ali, na beira do Rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem é mais uma estrada, de tanto que o mato entupiu. Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar. (ROSA, 1984, p.133)

Essas são recordações de um período difícil, durante o qual, os moradores contaram com a intercessão dos três santos, para que lhe concedessem sabedoria e coragem para vencerem aquela provação.

Sobre o sumiço das três imagens, nada foi registrado no Livro de Tombo da Paróquia, contudo o fato causou grande comoção entre os moradores da Comunidade e em muitos devotos e admiradores de arte sacra e da cultura regional.

Após quatro meses, as imagens foram recuperadas e, assim está registrado no Livro de Tombo: *“O mês de novembro [de 1980] ficou marcado pela recuperação de três imagens roubadas no povoado denominado ‘Pará dos Vilelas’ em julho último”*.

(Das anotações de Pe. Néelson Duarte Ferreira, 31/12/1980, Livro de Tombo 2, p.178)

Foram recebidas com uma grande festa na comunidade do Pará dos Vilelas, no dia 08 de dezembro de 1980. Uma multidão lotou as adjacências da Capela, onde se realizou procissão, celebrou-se Missa Campal e coroação da santa padroeira. A emoção tomou conta das centenas de pessoas que ali se reuniram. Os acordes da Banda de Música Nossa Senhora das Dores deram um tom ainda mais festivo à ocasião, e certamente, muitos foram os aplausos entusiasmados dos devotos. Marcou a solenidade, o discurso fervoroso de D. Geralda Malta, que com simplicidade e sabedoria, descreveu toda a alegria que aquele momento representava. Abaixo, um trecho de seu discurso:

“Meus caros, são estas magníficas imagens testemunhas de tudo aquilo que passamos e sofremos dentro de nossas lares... Maria, Mãe da Divina Graça, olhai pra esse povo, que tanto chorava a sua ausência de nossa comunidade do Pará dos Vilelas. Levantamos nossos olhos aos céus e dizemos: Obrigado, Senhor Deus! Recebemos de volta nossas imagens. Hoje, o mundo se alegra e a orquestra da natureza gorjeia em torno dessa nobre Igreja”.

Alguns registros fotográficos desse dia histórico encontram-se anexos ao final desse texto. Pelas fotografias, podemos perceber o clima festivo que se apossou de todos naquele dia. (NOTA: As fotos que possuímos nos arquivos paroquiais foram reveladas em fevereiro de 1981. Nessa época, o mês e ano da revelação apareciam gravados na parte inferior da foto).

Não há no Livro de Tombo, nenhum registro sobre a Festa de acolhida das imagens, tivemos acesso aos depoimentos de pessoas que participaram da Solenidade e, assim, podemos afirmar, com precisão, que o dia de 08 de dezembro de 1980 é a data em que as imagens retornaram ao Povoado de Pará dos Vilelas.

Terminada a festa, a preocupação passou a ser a segurança das imagens. Construíram-se então armações de metal, uma espécie de “gaiolas”, para protegê-las.

Durante 16 anos, parecia que as imagens estavam seguras, todavia o dispositivo não impediu que em 29 de junho de 1996, as mesmas imagens fossem tiradas da Capela. De novo, a tristeza invadiu o coração de todos.

Da primeira vez, a recuperação foi imediata, mas dessa vez, o resgate parecia quase impossível, a esperança se diluía com passar do tempo. daquelas imagens restariam para sempre as lembranças afetivas e algumas poucas fotografias.

Porém, a vida também é uma odisseia repleta de surpresas. E, de repente, uma pequena luz se acendeu, quando algum tempo depois, Dom Miguel recebeu de volta a imagem de São Sebastião, que por motivos de segurança, até hoje não retornou à Capela do Pará dos Vilelas.

As perguntas continuavam: e as outras duas imagens? Onde estariam? Será que um dia serão encontradas? Nenhuma pista ou notícia. De vez em quando, alguém tocava no assunto ou apresentava alguma fotografia e muitas memórias eram compartilhadas. Nesses momentos, uma tênue chama de esperança se acendia no coração do povo de lá.

Em outubro de 2021, passados 25 anos, já sem nenhuma esperança de que as peças ou pelo menos alguma delas ainda fosse encontrada, algo inesperado aconteceu e mais um capítulo dessa odisseia, literalmente homérica, começou a ser escrito.

Era noite. Recebi uma mensagem pelo WhatsApp do jovem Wellington Reis, amigo e artista de nossa vizinha cidade de Carmópolis. Ele dizia: “Padre, encontrei numa página de uma rede social, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, do Pará dos Vilelas. Está sendo vendida com outras peças.” Comparamos as fotos do anúncio com uma antiga feita na Capela. Era incontestável a semelhança entre as duas. Apesar das diferenças de ângulos, não restavam dúvidas de que se tratava da mesma imagem.

Comuniquei o “achado” a Dom Miguel e enviei o material que tinha em mãos até aquele momento. Ele reconheceu a peça e afirmou ser mesmo a imagem desaparecida e explicou-me os passos a seguir para recuperá-la.

No dia seguinte, fui à Secretária de Cultura, e juntamente com Georgeane Silveira, ligamos e enviamos e-mails para o Ministério Público de Minas Gerais, IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais). Os membros da Comissão responsável checaram as fotos no banco de dados de imagens desaparecidas e, após, minucioso estudo, constatou-se oficialmente, que a imagem anunciada nas redes sociais era mesmo a de Nossa Senhora do Rosário, da Capela do Pará dos Vilelas.

Seria preciso aguardar os trâmites legais para o resgate. No dia 16 de fevereiro de 2022, na operação denominada “Santo roubado não faz milagre”, coordenada pelo MPMG, a peça foi recuperada, juntamente com as outras 16 anunciadas para venda nas

redes sociais. A operação virou notícia, primeiramente, através do site e das redes sociais do Ministério Público de Minas Gerais e compartilhada nos sites de notícias: G1, Jornal Estado de Minas, Jornal Hoje em Dia e Rádio Itatiaia.

Em breve, a imagem estará de volta a Itaguara e à Capela do Pará dos Vilelas. Parece que estamos próximos ao capítulo final dessa odisseia. Diante disso, reacende em nós a esperança de reencontrar a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Assim, a festa será completa. Não sabemos quanto tempo durará a nossa espera, mas acreditamos que um dia seremos surpreendidos por essa bem-aventurada notícia.

Incomodou-me muito a ausência de relatos sobre esses acontecimentos nos documentos paroquiais. Talvez, há quarenta anos, quando aconteceu o primeiro furto, não se sabia a dimensão da importância dessas imagens e não se imaginava que essa história se tornaria uma odisseia com tantos capítulos, recuperações e desaparecimentos. Por isso, senti necessidade de fazer uma pesquisa mais apurada e escrever este artigo, a partir dos escassos registros existentes e de alguns relatos de testemunhas oculares, a fim de documentar essas “acontecências” que ainda permanecem entre nós.

A notícia do reencontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário muito me alegrou. Apesar de não ser itaguarense de nascimento, tenho grande afeição por essa terra. A recuperação da imagem é também resgate de uma parte da história dessa cidade e da “boa gente” desse lugar. Devemos, pois, aumentar a segurança de nosso patrimônio para evitar novo sofrimento.

Não conheci Dona Geralda, aquela senhora que discursou emocionada na cerimônia de retorno das imagens à Capela em 1980, mas faço minhas as suas palavras, pois esse capítulo dessa odisseia nos faz dizer com entusiasmo: “hoje, o mundo se alegra e a orquestra da natureza gorjeia em torno desta nobre Igreja”.